

COLUNA FALA Por César Gomes

APAGAMENTO NEGRO NA CONSTRUÇÃO DA PARADA DE SAMPA

Em Janeiro de 1995, participei do EBGLT em Curitiba, onde então, votamos pela criação da ABGLT.

Na ocasião, o encerramento do evento causou me tremenda emoção com a caminhada de encerramento pelo centro da cidade e o ápice se deu com o militante Raimundo, cantor lírico do Grupo Atobá, entoando o hino nacional.

Nesse exato momento, nasceu o desejo de ter algo parecido em Sampa.

A minha justificativa, então, era que “se éramos capazes de ficar expostos em filas nas portas das boates para ganhar um convite *free*, se éramos capazes de lotar as ruas das regiões do Arouche e Praça Rosevelt, então seríamos capazes de irmos as ruas lutarmos pelos nossos direitos civis”.

Imbuído nesse propósito, do Grupo GECAIDS, migro para formação do Grupo CORSA, junto com Kioga, Alexandre, Giacomini, Fernando e Márcio. Membros do CORSA, compraram o meu desejo e fomos procurar meios de pôr em prática.

A principal medida tomada foi buscar outros grupos aliados, entre eles CAEH/USP, sendo o Núcleo GLT do PT, fundamental nesse processo.

Roberto (Beto), José Roberto e Moises (ou Josué, não me recordo), do N GLT/PT, levaram me pessoalmente ao gabinete do então vereador Ítalo Cardoso, que prontamente pôs seu gabinete para nos auxiliar. Chamou o seu assessor Chiquinho, e disse: “os meninos aqui vão realizar uma marcha em São Paulo, ajude em tudo que eles precisarem”.

A partir de então, tive a certeza de que o meu sonho seria concretizado.

Como na época o meu serviço era de conferente bancário na CEF, das 17 às 23h, assumi toda parte burocrática e Giacomini ficou com o *marketing*, e os demais nos auxiliaram de acordo com o desenrolar do processo.

Os finais de semanas que antecederam o evento, o Grupo CORSA, distribuiu muitas filipetas em portas de boates, bares e praças de frequência GLT.

Naquele 28 de junho, uma sexta-feira chuvosa, horário de intenso tráfego na Rua da Consolação, o carro de som, que o gabinete havia conseguido não poderia ser ligado na chuva, ainda que estivesse uma garoa; meio que jogou um balde de água fria sobre nós organizadores.

Felizmente, alguém teve uma luz para ir até o gerente do Pão de Açúcar (existiu na Praça Rossevelt), que autorizou o carro ficar debaixo da marquise, porém, para o carro dar a volta no quarteirão para acessar a marquise foram mais de uma hora para driblar o trânsito.

Vencida esta barreira o evento que não conseguimos fazer em marcha, foi realizado parado,

todavia, a semente estava lançada para a maior PARADA DA DIVERSIDADE SEXUAL DO MUNDO, que temos hoje, o que me enche de muito orgulho.

Contudo, quando a PARADA, realizou homenagens pelos seus 10 anos, houve um apagamento total do gay preto e “não acadêmico” (na época tinha apenas o ensino médio, fator de muitíssima importância para me diminuir, como deixou transparecer Lula Ramires).

Na ocasião, perguntei a Lula Ramires, porque aceitou ser um dos homenageados, sendo que não teve a menor participação nesse processo, e, até me arrisco a dizer que ele só chega ao CORSA, meses depois desse evento.

A resposta que ele me deu foi ainda mais perversa por querer tratar-me como um tolo; disse-me ele que a homenagem era por conta da fundação da Associação da Parada, o que prontamente retruquei: “se fosse então teria que esperar mais 4 anos, porque são 6 anos da Associação e 10 de Parada.

Enfim, esse episódio racista foi o norte para o meu TCC na Pós-graduação História e Cultura Afrobrasileira.

Efetuei uma única pergunta a 50 militantes LGBTTT : “Há racismo no movimento LGBT brasileiro? Sim ou não, porque?

As respostas estão todas na íntegra no meu TCC, disponível na UNISAL.

Voltando a Parada, no ano seguinte, já mais preparados porque tínhamos o conhecimento da infra necessária, aventuramos tomar a Avenida Paulista.

Dias próximos a realização da parada, *skinheads*, agrediram gays numa padaria na Rua Consolação, próximo a Boate Nostro Mondo, prometendo invadir a Parada.

Passamos muito tempo discutindo se deveríamos arriscar nossas vidas ou enfrentar o perigo.

Chegamos à conclusão de que a decisão seria individual, entenderíamos e respeitaríamos que não se sentisse a vontade para participar.

Chegamos à Avenida Paulista, muitos amedrontados, nos posicionamos em frente à TV Gazeta, observei alguns gays do outro lado da avenida com medo de se aproximarem. De repente surge uma gangue de anarco-punk, fiquei apavorado porque até então não sabia nada deles, o Kioga, me tranquilizou dizendo que eles eram “do bem”, estavam ali para nos escoltar porque eram inimigos dos Carecas do ABC.

Eis que não mais que de repente surge o Beto de Jesus, vindo do sentindo Brigadeiro Luís Antônio, assoprando um apito, que deu um acorde/sacode coletivo encorajando a todos a tomar posse de seu lugar de luta na avenida Paulista.

Assim, tivemos uma Parada com aproximadamente 1500 a 2000 pessoas, o que me levou a lágrimas por ter meu sonho totalmente concretizado.

Beijos Afrogay!

César Gomes.